

O estatuto do inconsciente: entre a fragilidade ôntica e a fortaleza ética.

The statute of the unconscious: between ontic fragility and ethical strength.

MARTÍN MEZZA

RESUMO:

Muitos dos problemas históricos e atuais da psicanálise e do psicanalista – que vão desde o permanente desvio da originalidade da experiência psicanalítica até a reiterada dificuldade dos psicanalistas para dirigir a sua práxis em conformidade com a novidade da sua descoberta – podem ser apreendidos mediante a tensão entre a fragilidade ôntica e a fortaleza ética. Essa foi a formulação que Lacan deu ao problema entre os anos de 1963 e 1965 e que este trabalho pretende tanto resgatar, identificar seus elementos e desenvolver quanto indicar as vias de resolução exploradas.

PALAVRAS-CHAVE: inconsciente; psicanálise; ontologia; descoberta psicanalítica; ética.

ABSTRACT:

Many of the historical and current problems of psychoanalysis and the psychoanalyst, ranging from the permanent deviation from the originality of the psychoanalytic experience to the repeated difficulty of psychoanalysts to direct their praxis in accordance with the novelty of their discovery, can be apprehended through the tension between the ontic fragility and the ethical strength. This was the formulation that Lacan gave him to the problem between the years of 1963 and 1965 and that this work intends both to rescue, to identify its elements and to develop and to indicate the ways of resolution explored.

KEY WORDS: unconscious; psychoanalysis; ontology; psychoanalytic discovery; ethic.

A assombração da psicanálise e o psicanalista assombrado

Muitos dos problemas históricos e atuais da psicanálise e do psicanalista podem ser comprimidos entre o permanente pavor ao desvio da originalidade da experiência psicanalítica e a reiterada dificuldade dos psicanalistas para dirigir a sua práxis em conformidade com a novidade da sua descoberta. Sob esta realidade, as diferentes instituições psicanalíticas, através do prestígio das suas reconhecidas âncoras – eram chamadas de suficiências por Lacan – jogam o jogo do narcisismo das pequenas diferenças. Esse jogo, que leva à degradação do discurso psicanalítico, se dá mediante a articulação

do barulho das *maî-tre-mots*¹ e o silêncio dos *petit souliers*,² os analistas em formação permanente e com menos cartaz, que pouco a pouco vão trocando sua ignorância e curiosidade pelo domínio das *maî-tre-mots*³

O que está na base desta particular dinâmica de nossa comunidade sempre fica oculto: nossa descoberta nasceu e permanece, de forma estranha, ameaçada de extinção. Freud reconhecia esta ameaça desde três fontes equivalentes ao avassalamento do eu: a resistência vinda de fora da psicanálise, especialmente da comunidade da cientificidade médica;⁴ a originada no seu interior, ou seja, aquela dos próprios analistas – basta lembrar a figura de Jung ou as correntes anticientíficas vinculadas com as doutrinas da telepatia –;⁵ e finalmente, aquelas vinculadas com as características intrínsecas à descoberta psicanalítica. Nas palavras de Freud isto quer dizer que o inconsciente é de difícil captação mediante a transmissão das ideias, exigindo que a sua comunicação ocorra mediante a experimentação.⁶

Pode-se fazer uma rápida atualização deste estado de coisas. Dessa forma, as neurociências de hoje representam a ameaça externa; as concepções psicologizantes dos não-analistas a ameaça interna; e as renovadas dificuldades de seus praticantes para captar a originalidade da psicanálise, funcionam como prova da impossibilidade da comunicação do inconsciente prescindindo da experiência da análise.

Para esse fantasma de desaparecimento, o *ghostbusters* desenhado foi a instituição psicanalítica (IPA). Aquela que se caracterizou pela manutenção formal e autoritária dos conceitos à custa de esquecer a verdade que estes articulam.⁷ O tripé – formação permanente, supervisão e análise pessoal – sobre o qual se assenta a instituição psicanalítica, tem por finalidade a proteção e manutenção da originalidade de nossa descoberta. A formação permanente, que não sai dos estreitos limites das mesmas obras

1 Palavras mestres.

2 Sapatinhos apertados ou constringidos.

3 Mezza, M. (2018). A divisão de classe psicanalítica (suficiências e *petits souliers*) e a Lei suprema.

<https://www.youtube.com/watch?v=IN2jRnka36M>

4 Freud, S. (1995). Las resistencias contra el psicoanálisis. Em *El yo y el ello y otras obras* (1925), tomo XIX, Buenos Aires: Amorrortu editores.

5 Freud, S. (1995). Psicoanálisis y telepatía (1941 [1921]). Em *Más allá del principio del placer, psicología de las masas y análisis del yo y otras obras*, tomo XVIII, Buenos Aires: Amorrortu editores.

6 Freud, S. (1995). ¿Pueden los legos ejercer el análisis? Diálogos con un juez imparcial (1926). Em *Presentación autobiográfica, Inhibición, síntoma y angustia, ¿Pueden los legos ejercer el análisis? Y otras obras*, tomo XX, Buenos Aires: Amorrortu editores.

7 Lacan, J. (1988). Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista en 1956. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. p. 468.

ou até dos textos e frases de sempre – de Freud, Lacan e dos comentadores consagrados –, permite o isolamento próprio da política da avestruz em relação às críticas dos outros campos. Mas também, serve para evitar correntes alheias que assim como a telepatia da época de Freud venham a contaminar o discurso e dispersar a tropa. A análise pessoal é a que permite assegurar que tudo o que não se entende na comunicação das ideias, e é muito, será resolvido na experiência da análise. E finalmente, enquanto isso vai se demorando, o candidato a psicanalista tem a possibilidade de encurtar essa distância mediante a assistência da voz da experiência no dispositivo da supervisão.

Lacan, que não deixava de reconhecer as ameaças que pairavam sobre a precariedade de nossa descoberta e que tampouco deixou de jogar o jogo das pequenas diferenças, abordou o problema desde uma perspectiva completamente diferente. Para ele, a ameaça não estava no exterior (ciência), nem no interior (o analista em formação), senão na articulação entre a fragilidade do estatuto do inconsciente e na fortaleza da ética do analista. A resistência é do analista. O analista está integrado à ideia do inconsciente.⁸

O que quer dizer isto? Evidentemente tem diferentes desdobramentos. Escolhemos um deles: que os preconceitos dos analistas, incluindo os de Freud, formam parte do conceito do inconsciente. Muito cedo, antes de ser um psicanalista reconhecido, Lacan tinha advertido isto ao dizer que as "melhores mentes da psicanálise" se desviariam se seguissem "os preconceitos" presentes em Freud – nesse caso específico se referia ao preconceito paralelista.⁹ Dessa maneira, Freud e os pós-freudianos – poderíamos acrescentar os lacanianos e os pós-lacanianos já que o projeto de Lacan fracassou –¹⁰ formam parte do real problema que anima a fantasia de extinção da psicanálise. Resumidamente, pode-se dizer que a ética freudiana é constitutiva da fragilidade da descoberta psicanalítica – argumentaremos melhor adiante.

Lacan utilizou dois mitos para indicar esta problemática. Em 1953 qualificou a descoberta psicanalítica como prometeica.¹¹ Assim, quis indicar que Freud, antes de apreender a "antevisão"¹² do inconsciente, do fogo divino, de se apoderar da ferramenta

8 Caruso, P. (1969). Conversaciones con Lévi-Strauss, Foucault y Lacan.

<https://psicoanalisislacaniano.com/entrevista-a-lacan-por-caruso-1969/>

9 Lacan, J. (1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. Em *Escritos*. Zahar, pp. 179-180.

10 Eidelstein, A. El fracaso de Lacan. Conferencia dictada en Apertura, Sociedad Psicoanalítica de Buenos Aires, el 16 de octubre de 2008. https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2015/09/REY2_10-fracaso.pdf

11 Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em *Escritos*. Zahar, p. 243.

12 O termo *prométhéus* vem de uma junção do grego antigo onde *pro* significa "antes" e *manthano* significa "aprender", resultando em "antevisão".

utilizada para fazer fogo (*pramantha*), assustou-se e se desviou da sua própria descoberta. Os analistas da sua escola, comparados com a águia que todo dia volta para comer o fígado de um Prometeu acorrentado - Freud, a descoberta psicanalítica -, repetem o gesto do desvio.¹³

E já em 1964,¹⁴ recorre ao mito de Eurídice¹⁵ para assinalar que o analista, assim como Orfeu, ao olhar para trás – retorno a Freud – participa da segunda e repetida perda de Eurídice. Assim como Eurídice, a descoberta psicanalítica se perde tanto pela “própria índole” quanto pelo olhar – para trás – do analista Orfeu. O “analista é testemunho dessa perda”, uma perda que está comprimida entre a antevisão prometéica e a retrovisão orfiana.¹⁶

É perante este problema que podemos desenhar a curva traçada pelo desvio pós-lacaniano de inspiração milleriana. A vergonhosa (*hontologie*)¹⁷ saída do problema aportada por esta corrente psicanalítica significou uma nova articulação da ontologia do inconsciente e da ética do analista. Por um lado, temos o aprofundamento da *hontologie* mediante a naturalização do conceito de gozo, que leva a um ser de gozo capaz de integrar o paradigma freudiano do isso pulsional.¹⁸ Por outro lado, o reforço do *éthos* do analista mediante a institucionalização do passe, levando o analista a se transformar em uma testemunha hiperqualificada do inconsciente.

Esta forma de teorizar a descoberta psicanalítica é caracterizada por Lacan como a real resistência à psicanálise. Diferentemente de Freud, que pensava que a resistência estava na acentuação da sexualidade infantil, na vida pulsional que ameaça a razão – oposição atual entre gozo e simbólico –, Lacan entendia, e assim reconceitualizava a descoberta psicanalítica, que o real motivo de resistência é que existe uma razão sem um comandante,

13 Mezza, M. (2021). El retorno a Freud. Una palabra de orden en un lenguaje neurótico. Em Morales Montiel. *El estilo de Jaques Lacan*. Buenos Aires: Editora Arrebol.

14 Lacan, J. (1988). *Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar Editora, p. 133.

15 Eurídice morreu após ser mordida por cobra e foi levada ao mundo inferior. Orfeu, seu marido, desce e convence Hades para que ela voltasse ao mundo dos vivos. O deus deixa, mas com a condição de que Orfeu não olhasse para trás até que ele chegasse à sua casa, mas Orfeu desobedece, vê sua esposa e ela volta ao Hades. Eurídice é perdida pela segunda vez.

16 Mezza, M. (2020). Retorno a Freud. Entre el descubrimiento prometeico y la pérdida de Eurídice. APOLa Morelia. <https://www.youtube.com/watch?v=gE5J8reIL0c>

17 Neologismo criado por Lacan surgido do jogo de palavras: *honte* (vergonha) e *ontologie* (ontologia), *hontologie* (vergonologia) para marcar a impostura teórica dessa corrente mais próxima das velas sem saída do existencialismo.

18 Miller, J-A. (1998). *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós.

que isso fala, que isso pensa em outro lugar –inconsciente–, aonde o sujeito não se conta nisso.¹⁹

E por acaso não é isso que se resiste ainda hoje, no ápice do individualismo e biologicismo, inclusive no seio da comunidade analítica sob os paradigmas da responsabilidade subjetiva e da naturalização do gozo? A resistência é do analista, o analista participa da noção de inconsciente.

Fragilidade ôntica do inconsciente

Em 1964 este problema da perda do descobrimento ou originalidade da nossa experiência e da sua vinculação com a ação do analista, que colocamos na base da dinâmica histórica e atual de nossa comunidade, é reorganizado mediante a tensão entre a fortaleza ética e a fragilidade ôntica. A perda do campo aberto por Freud, esse sulco no real, passa a ser trabalhada mediante a participação da ética de Freud no caráter evanescente do inconsciente.

Quero marcar agora, por mais espantoso que a fórmula lhes possa parecer, que seu estatuto de ser tão evasivo, tão inconsistente, é dado ao inconsciente **pelo encaminhamento de seu descobridor**.

O estatuto do inconsciente, que eu lhes **indico tão frágil no plano ôntico, é ético. Freud, em sua sede de verdade diz** – o que quer que seja, é preciso chegar lá – porque, em alguma parte, esse inconsciente se mostra. E isto ele diz dentro da sua experiência daquilo que era para o médico, até então, a realidade mais recusada, mais coberta, mais contida, mais rejeitada, a da histérica, no que ela é – de algum modo, de origem – marcada pelo signo do engano.²⁰

É verdade, pode parecer espantoso para a sensibilidade do analista freudolacanianiano. Mas, de forma inequívoca, se diz que o estatuto “tão evasivo”, “tão inconsistente” do descobrimento psicanalítico –o inconsciente– foi dado “pelo encaminhamento de seu descobridor”, ou seja, pelo proceder de Freud. Se o estatuto do inconsciente é tão frágil no plano ôntico e passa a ser ético é pelo encaminhamento que lhe deu seu descobridor.

19 Lacan, J. (1957). Madeleine Chapsal, Entrevista con Lacan. *Periódico L'express*, 31/05/1957. n 310 pp. 20-21.

20 Lacan, J. (1988). *Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar Editora, pp. 36-37.

Pela sua sede de verdade que não hesita em saciar-se da realidade mais coberta, mais enganosa, mas rejeitada pela medicina – mediante a redução ao organismo biológico – e pela certeza cartesiana que se desentende da verdade como causa.

Em algum lugar está! Em alguma parte o inconsciente se mostra, diz Freud e avança sem duvidar. Acaso não é esse o núcleo de nossos problemas cotidianos na clínica? Não avançamos partindo da certeza de que em algum lugar está, mas após algumas sessões o achamos na parte do analisante que resiste ou o desmente? Ou ainda pior, acaso não acontece que afirmamos com todas nossas forças que está, mas não o achamos em lugar nenhum? E não é nesse ponto que glorificamos a genialidade de Freud e invocamos a supervisão de nossos mestres?

Já retomaremos isso. No entanto, antes disso, consideremos melhor o primeiro termo do problema sob a descrição feita por Lacan como realidade enganosa, fragilidade ôptica e caráter evanescente do inconsciente. A histeria, tomada aqui como paradigma de nosso campo, está marcada com o signo do engano. Trata-se de um estado de possessão ou de mentira e engano? Esse sintoma conversivo é real ou uma farsa?

... nós sabemos, graças a Freud, que o sujeito do inconsciente se manifesta, que isso pensa antes de entrar na certeza.

Temos isso no colo. É mesmo este o nosso embaraço [...] é um campo a que não nos podemos recusar, quanto à questão que coloca.²¹

Não podemos seguir o gesto de Descartes e manter a certeza deixando a verdade nas mãos de um Deus que garanta a exclusão completa do engano. Estamos no campo freudiano, aquele onde a verdade e o engano não se excluem completamente, onde o sujeito se manifesta antes de entrar na certeza e onde, ainda, reina a sede freudiana.

Temos acesso à “objetividade” do inconsciente mediante a estrutura “combinatória da linguagem”, mas não podemos interrogá-lo como o faz a linguística, por exemplo. O sujeito da psicanálise se manifesta, pensa, antes de entrar na certeza da combinatória. Não podemos partir do princípio de igualdade ou de identidade tão caro para a ciência e que, no campo das ciências da comunicação, se reformula como a impossibilidade de que o Outro minta – engane.

²¹ *Ibidem*. p. 40.

Estas ciências partem da premissa, digamos assim, que a mensagem que se formula é idêntica a si mesma, que não há mentira; que o locutor articula a mensagem que o interlocutor decodifica. A psicanálise parte da infração do princípio de identidade ($a \neq a$) e da premissa que não há garantia de que o Outro diga a verdade. Inclusive, pode-se dizer a verdade na mentira e vice-versa, além da absoluta susceptibilidade ao engano como no caso da neurose. Em nosso campo, a verdade do desejo está marcada pelo signo do engano e não podemos colocar a sua garantia por fora da relação entre sujeito e Outro.

Isto significa que à diferença de outras ciências, não podemos isolar o sujeito nem fazer qualquer deslocamento para torná-lo objeto. A ciência psicanalítica somente pode esclarecer seu objeto enquanto *subjetum*, ou seja, entendendo que o sujeito sempre está implicado em seu discurso.²² É outra forma de dizer que estamos embaraçados do engano da histeria, que não podemos expulsar a verdade ao mundo de Deus ou numa metalinguagem; que no caminho da formalização não podemos reduzir o sujeito a uma objetividade de combinatórias. Entre sujeito e Outro há imisção. O Outro é um Deus maligno, joga os dados e pode tanto enganar quanto ser enganado; o Outro está barrado, a palavra verdadeira se afirma sobre uma mentira.

Formular o inconsciente estruturado como uma linguagem e caracterizá-lo como pré-subjetivo e combinatório é um passo para acessá-lo de forma mais objetiva²³ e rigorosa. Mas, dessa forma, não conseguimos estabelecer por completo o estatuto do inconsciente, já que este não se reduz a uma lei determinista de combinações. Existe aquela dimensão que Lacan apreendeu na estrutura temporal pulsátil de abertura e fechamento. Estrutura causal do inconsciente formulada mediante uma hiância que se capta através dos tropeços, da perda, da descontinuidade, ruptura ou fenda.

... é mesmo de **uma função ontológica que se trata nessa hiância**, pela que acreditei dever introduzir, como lhe sendo essencial, a função do inconsciente.²⁴

22 Lacan, J. (2006). *Seminário. Livro 12. Problemas cruciales para el psicoanálisis*. Tradução Rodriguez Ponte. Inédito. Lição 2/12/1964, pp.14- 15. (Tradução nossa).

23 Lacan, J. (1988). *Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar Editora, p. 26.

24 *Ibidem*, p. 33.

O que é ôntico, na função do inconsciente, é a fenda por onde esse algo, cuja aventura em nosso campo parece tão curta, é por um instante trazida à luz – por um instante, pois o segundo tempo, que é de fechamento, dá a essa apreensão um caráter evanescente.²⁵

Aqui temos esse caráter evanescente, esse algo tão débil ontologicamente que sai à luz apenas um instante para logo se fechar novamente. Esse algo que não alcança o estatuto ontológico de ser, mas tampouco de não ser; que se resolve nessa fragilidade do não-realizado, da falta-em-ser. Esta manifestação ontologicamente débil, não-realizada, se articula a um inconsciente pulsátil, a uma função ôntica entendida como uma fenda, um corte, por onde o não-realizado pode advir à *ex-sistência*.

Então, isto supõe um inconsciente articulado a uma dimensão simbólica que em nada se parece com a descrição pós-lacanianiana do registro simbólico, já que não é representacional. Aqui, o inconsciente se articula a uma concepção do simbólico como corte, como hiância, onde se teoriza a função estruturante da falta, do buraco.

Fortaleza ética

Até aqui cernimos a própria índole – fragilidade ôntica - pela qual se perde a descoberta psicanalítica. No entanto, não podemos esquecer que também essa perda, essa fragilidade, está vinculada à presença do analista. O “analista é testemunha desta perda” e o proceder de Freud, sua sede de verdade, faz com que o inconsciente seja evanescente, que o inconsciente adquira um caráter inconsciente para os analistas.

Não é de modo impressionista que quero dizer que aqui seu encaminhamento é ético – não penso numa famosa coragem do cientista que não recua diante de nada, imagem a ser temperada, como todas as outras. Se formulo que **o estatuto do inconsciente é ético, e não ôntico, é precisamente porque o próprio Freud não adianta isto quando dá seu estatuto ao inconsciente.**²⁶

²⁵ *Ibidem*, p. 35.

²⁶ *Ibidem*, p. 37.

Ainda hoje nos vemos obrigados a seguir temperando a imagem da genialidade, do talento clínico, do pai da psicanálise. Aqui a palavra ética não está colocada para denotar as virtudes de Freud. Ao contrário, seu significado surge da relação de oposição com a fragilidade ôntica. Parte do problema que nossa descoberta se perca constantemente, que habilite o desvio como norma, se deve a esta tensão entre a fragilidade ôntica e a fortaleza ética, ao encaminhamento dado por Freud e seguido pelos analistas da sua escola.

Que significa, que consequências podemos esperar do fato que Freud tenha formulado o estatuto do inconsciente ligado à sua sede de verdade? Que quer dizer que seu procedimento fez do inconsciente algo ainda mais inconsciente? Em algum lugar do seminário onze Lacan disse que aí onde Descartes duvidava, Freud afirma a sua certeza. Freud tem certeza de que na dúvida da narração do sonho se achava um pensamento inconsciente; certeza de que se o analisante resistia a uma interpretação ou demorava em uma associação, devia-se à proximidade de um conteúdo inconsciente; certeza de que sua sagaz interpretação o auxiliaria para descortinar o desejo edípico presente nas múltiplas formações de compromisso.

Embora Lacan não deixe de reconhecer que mediante esta certeza e com essa sede de verdade Freud avançou até constituir o campo psicanalítico, não hesita em dizer que é este mesmo procedimento que contribui à dificuldade da manutenção da descoberta. Para uma disciplina com vocação científica é um enorme problema que a sua descoberta, se não seu campo todo, fique colada à ética, às disposições pessoais, à sede de verdade, ao gênio interpretativo e à certeza do seu descobridor, assim como à exigência do desejo decidido e purificado dos seus novos praticantes. Isto é o que faz que o inconsciente seja mais inconsciente, que esteja exclusivamente vinculado à experiência intransferível da paixão do pai da psicanálise ou da análise pessoal dos seus praticantes.²⁷

Esta problemática, com consequências severas para o desenvolvimento de uma disciplina que tem que disputar seu capital simbólico no campo científico, intelectual e terapêutico, reaparece constantemente mediante as dificuldades – abafadas – da transmissão. Há um tempo tive a oportunidade de presenciar uma cena que de forma escancarada manifestou o que silenciosamente guia as trocas entre mestres e alunos nas instituições psicanalíticas. Uma curiosa estudante de psicanálise teve a coragem, dos

27 O dispositivo do passe criado por Lacan e instituído pela sua escola tinha como objetivo tratar cientificamente, fazer transmissível, o que acontecia numa análise. Algo bastante distante de aquilo no que se transformou esse dispositivo após sua morte.

sábios ou dos tolos, de interrogar a certeza freudiana. Disse: “não entendo como ele [Freud] chega a essa interpretação”. Após algumas tentativas de explicação, bastante frágeis por certo, que não conseguiam satisfazer às expectativas de quem as dirigia e tampouco a quem eram endereçadas, a resposta em questão não se fez esperar muito: “você se analisa? (...), então já vai entender”.

Esta é a ideia que reina entre nós desde a época de Freud. Assim como ele, nossa comunidade pensa que o inconsciente somente pode ser apreendido na experiência, que não alcança a ser comunicado no plano das ideias. No seu lugar, se insiste pela via ética de fazer a experiência psicanalítica para poder apreendê-lo. Esse mesmo procedimento, encaminhamento freudiano, faz com que se reforce a fragilidade ôntica do inconsciente, dando sentido à expressão “o analista é testemunha dessa perda”. Também pode significar que no avesso da fortaleza ética do analista membro da escola se encontra a fragilidade ôntica do inconsciente.

Tal é o primeiro problema levantado pela comunicação em psicanálise. O primeiro obstáculo a seu valor científico é que a relação com a verdade como causa, sob seus aspectos materiais, ficou negligenciada no círculo de seu trabalho.²⁸

É por isso, por nossa comunidade ter negligenciado os aspectos materiais da verdade como causa, que a curiosidade da nossa candidata não encontrou uma comunicação articulada e achou na suficiência do analista da escola a invocação da lei do silêncio, tendo que se conformar com o destino dos *petit souliers*. Tudo aquilo que não pode passar pela comunicação entre analistas, que não é pouco, se resolve na experiência do inconsciente. No entanto, Lacan segue outra via e por isso dirá que não basta com que o analista reconheça empiricamente a estrutura da fenda do seu sujeito para dirigir a sua práxis.²⁹ Se olharmos de perto, no manejo que ele faz dos conceitos – transferência, identificação, demanda, etc. –, veremos que o analista não sabe o que faz.³⁰

28 Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. Em *Escritos*: Zahar, p. 891.

29 *Ibidem*, p. 891.

30 Lacan, J. (2006). *Seminário Livro 12. Problemas cruciales para el psicoanálisis*. Tradução Rodriguez Ponte. Inédito. Lição 6/01/1965, p. 4. (Tradução nossa).

O mesmo diagnóstico cabe para Freud. Não se trata de um desvio da senda freudiana, senão de uma continuidade do desvio do próprio Freud. O descobridor da psicanálise viu um “clarão na escuridão”, “abriu a porta”, mas “não soube distinguir nem identificar maçanetas de dobradiças”.³¹

Não basta saber fazer algo, torneir uma vasilha(vaso) ou esculpir um objeto, para saber sobre que se trabalha. Uma dada natureza pode ser sinalizada sem ser pensada?³²

A comunidade analítica não teorizou seu descobrimento de uma forma compatível com a transmissão e comunicação própria do campo científico. Negligenciou os aspectos materiais e em seu lugar organizou uma teoria em torno de preceitos e normas que orientam a sua prática clínica. Um procedimento mais próximo de uma prática manual, de um ofício, que Lacan chega a comparar ironicamente com a “massoterapia”, com “exercícios respiratórios”, de “relax”, enfatizando o caráter corporal, interno e singular de uma experiência intransmissível e incomunicável. Desse modo, parece seguir a linha de demarcação entre práticas científicas e não científicas de Thomas Kuhn,³³ que entende que a cientificidade de uma disciplina começa a se gestar quando faz a passagem dos preceitos práticos para a formulação de problemas teóricos ou quebra-cabeças.

A proposta de Lacan é justamente formular os quebra-cabeças adequados para que estes orientem a teorização, a formalização do sujeito da psicanálise. Enfim, contribuir com um trabalho que possa estabelecer a materialidade da verdade como causa. As articulações lógicas do seu discurso,³⁴ assim como o dispositivo do não-analista,³⁵ são justamente para que a descoberta psicanalítica seja comunicável além da experiência, por fora desse dispositivo capenga do tripé psicanalítico que se orienta exclusivamente nas vias da

31 *Ibidem*, p. 3. (Tradução nossa).

32 *Ibidem*, p. 4. (Tradução nossa).

33 Kuhn, T. (2017). As ciências naturais e as ciências humanas. Em *O caminho desde a estrutura*. São Paulo, Editora Unesp, pp. 265-274.

34 Mezza, M. (2018). O psicanalista se faz na análise. Têm alternativas Dr. Lacan?

https://www.youtube.com/watch?v=O_PC6zKu0s

35 Mezza, M. (2019). Formação, pesquisa e o não-analista no PIC de APOLa.

<https://www.youtube.com/watch?v=Bl2SZqSgDcw>

fortaleza ética das suficiências – o analista recrutado como “uma mostra particularmente selecionada do progresso da análise”.³⁶

A proposta de Lacan: redução significante

Para este problema circunscrito entre a fortaleza ética do analista e a fragilidade ôptica do inconsciente, descrito como a certeza de Freud sobre o inconsciente à que se deve chegar a partir do fortalecimento da ética do analista mediante o dispositivo do tripé, Lacan propõe operar uma redução similar à do nascimento de toda ciência moderna.³⁷ Esta redução se faz sobre aquela já feita pela linguística moderna mediante o algoritmo do signo linguístico (Significado/significante). Redução de uma redução, que mediante a eliminação das flechas, do círculo e a mudança da hierarquia ontológica entre significante e significado, escreve a tópica do inconsciente (Significante/significado) e a função significante como a articulação horizontal (metonímia) e vertical (metáfora) da cadeia significante.³⁸

À diferença de Freud, dos pós-freudianos e dos pós-lacanianos, que mediante um sesgo empiricista indagam o real e o sujeito de nosso campo mediante a experiência da análise, Lacan propõe fazê-lo mediante a função significante. É com a função significante que vai se tentar estabelecer a estrutura temporal e espacial da descoberta psicanalítica.

Dessa maneira, as elaborações produzidas no seminário onze podem ser entendidas como a tentativa de utilizar a função significante para apreender a estrutura temporal do inconsciente, mediante uma redução dos termos freudianos (inconsciente, repetição, transferência e pulsão). Já aquelas elaborações ligadas ao seminário doze, correspondem à determinação espacial do inconsciente. Aqui, a topologia é utilizada para apreender esse real. Passemos rapidamente a dar algumas provas destas afirmações.

A proposta do seminário onze não é estabelecer os quatro conceitos fundamentais como a tradução e a transmissão hegemônica do seminário o sugerem. Para Lacan, esses quatro termos (inconsciente, repetição, transferência e pulsão) não têm alcançado o estatuto de conceitos, têm se detido no nível de preceitos, de pré-conceitos. A partir de um trabalho

36 Lacan, J. (2006). *Seminario Libro 12. Problemas cruciales para el psicoanálisis*. Tradução Rodriguez Ponte. Inédito. Lição 16/12/1964, p. 3. (Tradução nossa).

37 Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. Em *Escritos*: Zahar, p. 891.

38 Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Em *Escritos*: Zahar, p. 500.

que implica englobar esses termos na função significante se pretende explorar os fundamentos da psicanálise; esses que Freud e todos os analistas após Freud o fazem mediante o dispositivo analítico.

O que quer que ele seja, **tal modo de interrogar o campo da experiência**, no nosso próximo encontro, vai ser guiado pela referência seguinte – **que estatuto conceitual devemos dar a quatro dos termos introduzidos por Freud** como conceitos fundamentais, nominalmente o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão?³⁹

[...] abordar os **fundamentos da psicanálise** supõe que lhe levemos, entre os **conceitos maiores que a fundam**, uma certa coerência.⁴⁰

Fica claro. A experiência psicanalítica é interrogada sem a referência empírica, mediante a forma intelectual, teórica, que implica um esforço de pensamento para alcançar o estatuto conceitual. Os termos de Freud – inconsciente, repetição, transferência e pulsão – não são conceitos fundamentais do marco teórico de Lacan, nem sequer tem atingido o estatuto de conceitos. A pergunta justamente é que estatuto haveremos de dar-lhes.

... situei **estes conceitos em relação a uma função mais geral que os engloba**, e que permite **mostrar seu valor operatório neste campo**, isto é, a **função do significante** enquanto tal, subjacente, implícita – aí está o que nos fará, em nosso próximo encontro, dar o passo seguinte.⁴¹

Existe um passo seguinte e não é de retorno, senão de avanço. Trata-se de ver como esses quatro termos freudianos se situam no modelo de Lacan. Neste modelo, esses termos são redefinidos ao ser englobados pela função – geral, subjacente e implícita – do significante. E é esta função significante a que aportará o valor operatório em nosso campo e não a experiência do analista.

39 Lacan, J. (1988). *Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar Editora, p.19.

40 *Ibidem*, p. 121.

41 *Ibidem*, p. 19.

... com o termo sujeito [...] designamos [...] o sujeito cartesiano, que aparece no momento em que a dúvida se reconhece como certeza – só que pela nossa abordagem, as bases desse sujeito se revelam mais largas, mas, ao mesmo tempo, bem mais severas quanto à certeza que ela rateia. É isto que é o inconsciente.⁴²

... a relação do sujeito ao significante é a referência que quisemos colocar no primeiro plano de uma retificação geral da teoria analítica, pois ele é também primeiro e constituinte na função radical do inconsciente.⁴³

O que está na base, no fundamento da experiência analítica e é “constituinte” da “função radical do inconsciente”, não é outra coisa que a relação do sujeito com o significante. Com essa função significante, que está longe de ser um retorno à representação freudiana, se pretende fazer uma retificação geral da teoria psicanalítica – se é geral inclui a Freud – e também explorar “as bases” mais largas desse sujeito.

De que sujeito e de qual largura está falando? Do sujeito da ciência, do sujeito cartesiano que aparece no momento em que a dúvida se reconhece como certeza, ou seja, o “penso logo sou”. As bases do sujeito que explora a psicanálise sejam mais largas, quer dizer que temos que lidar com a verdade como causa. Implica avançar na dimensão real e material da verdade que atravessa o engano descartado por Descartes; e que a experiência do sofrimento neurótico apresenta de forma contundente no campo da cientificidade médica.

Mas também quer dizer, que há que retificar, de forma geral, a teoria psicanalítica. Que para alcançar essa maior largura há que ir mais além da certeza de Freud sobre a existência do inconsciente. Temos que ir além da sede de verdade que implica o cogito freudiano: tropeço logo tenho certeza de que existe o inconsciente. No lugar de fazer uma experiência analítica do tropeço para alcançar a certeza do inconsciente, de seguir a sede de verdade e as palavras mestre de Freud como modelo ideal da ética do analista, Lacan propõe interrogar essa experiência, de tamanha fragilidade ôntica, mediante a função significante.

Com esta estratégia, no seminário onze, produz uma operação de corte e montagem. Rompe com a relação entre transferência-repetição e inconsciente-pulsão, utilizadas para

42 *Ibidem*, p. 122.

43 *Ibidem*, p. 132.

apreender a experiência psicanalítica nos moldes freudianos; e passa a rearticulá-las sob outra lógica: inconsciente-repetição e transferência-pulsão. Este é o movimento inicial, necessário e imprescindível, que permite redefinir o inconsciente em torno da causa, da fenda, como função estruturante de uma falta ligada à estrutura temporal pulsátil de abertura e fechamento. Para dar conta desta estrutura são fundamentais os conceitos de corte e traço unário.

Já no seminário doze, Lacan segue indagando a experiência psicanalítica, mas sem ter os termos freudianos como referência primordial. Avança na exploração da função significante mediante uma dupla operação epistêmica que poderíamos resumir da seguinte forma: a) determinar o específico de nosso sujeito no contexto das similitudes e diferenças com outras ciências que trabalham com o significante, particularmente a linguística;⁴⁴ b) estabelecer a espacialidade da relação sujeito e significante mediante a estrutura topológica, que supõe a exclusão das posições falsas sobre o real.⁴⁵

Então, como se pode ver, Lacan aborda essa fragilidade ôntica da descoberta psicanalítica, oferece a esse destino funesto de perda e desvio, a construção de uma estrutura temporal e espacial. A estrutura temporal já foi indicada acima. Para a estrutura espacial, apenas nos basta salientar que se trata da inclusão da topologia como manobra de redução para uma espacialidade bidimensional; e que para isso, primeiro se viu obrigado a trabalhar a exclusão das posições falsas do real.

Quais posições falsas? Muitas, mas nos interessa particularmente aquela que estamos trabalhando, ou seja, a experiência do psicanalista como fortaleza ética. Tal como as outras posições falsas sobre o real que não mencionaremos aqui, a experiência do analista se apreende na sua generalidade e se define como o ato de colocar a alma – psique – antes que do discurso. Poderíamos dizer: o analista antes que da psicanálise. Iluminemos duas dimensões trabalhadas de forma extensa por Lacan: a alma bela do psicanalista e a filosofia psicanalítica.

É precisamente aí que está o **drama da comunicação entre analistas** [...] os analistas não se comunicam entre eles [...] ou se comunicam, de fato, mas não

44 Lacan, J. (2006). *Seminário Livro 12. Problemas cruciales para el psicoanálisis*. Tradução Rodriguez Ponte. Inédito. Lição 9/12/1964, p. 4. (Tradução nossa).

45 *Ibidem*. Lição 2/12/1964, p. 18. (Tradução nossa).

de uma forma capaz de ser codificada **nos moldes atualmente aceitos pela comunicação científica** [...]. Nada prepara o psicanalista para discutir efetivamente sua experiência com seu vizinho. Essa é a dificuldade — eu não digo insuperável pois estou aqui para tentar traçar suas vias — essa é a dificuldade da instituição de uma ciência psicanalítica.⁴⁶

Os analistas não comunicam a experiência do inconsciente entre eles, nem com os vizinhos, de modo aceito na comunidade científica. Mantém-se a ideia de Freud, que o inconsciente somente é apreendido se experimentado na pele. Somente após a experiência psicanalítica, teremos uma amostra selecionada com a suficiente fortaleza ética para lidar com o caráter evanescente do inconsciente. Essa é a dificuldade - resistência do analista - para a psicanálise se instaurar como ciência: a sua posição falsa sobre o real da experiência psicanalítica, enquanto considera que somente pode ser apreendido uma vez que se passa pela experiência da análise; que primeiro está a bela alma do psicanalista e depois o discurso psicanalítico. E sobre esta posição falsa é que se edifica a instituição psicanalítica e se organiza a divisão de classe que comanda a dinâmica das trocas entre nós. Por um lado, temos os obreiros qualificados, que embora publicamente assumam o semblante dessa fortaleza ética, em privado – conversas particulares, grupos de leituras, supervisões, análise, etc. – manifestam todas suas dúvidas, incertezas, dificuldades, inclusive, suas rejeições. Por outro, estão as belas almas da psicanálise, as suficiências, aquelas âncoras que têm desenvolvido tamanha fortaleza ética que se contentam com todo tipo de artifício para impor a lei do silêncio, especialmente pelo seu apego às *maî-tre-mots*.

De onde **a mitologia ontológica** sobre a qual, com suficientes motivos, vem a atacar o psicanalista quando lhe diz: esses termos aos que você se refere, e que, ao final de contas, vão apontar para esse lugar de concorrência confusa da tendência... — pois é a isso que a filosofia comum da psicanálise se reconduzirá finalmente, e de maneira errada, a pulsão — é portanto sobre isso que você trabalha. **Você entifica, você ontifica uma propriedade imanente em algo substancial:** seu homem, antropologia do analista... nós a conhecemos há

46 Lacan, J. Op. cit. p. 24. (Tradução nossa).

muito tempo a essa velha ουσία [*ousia*], essa alma, sempre aí, bem viva, intacta, inatacada.⁴⁷

Bom, aqui vocês têm o que em outro lugar chamou de *bêtise*.⁴⁸ A posição falsa do real mantida pela experiência do psicanalista e pela doutrina da psicanálise pode ser nomear como uma frágil mitologia ontológica. A fortaleza ética do analista, a bela alma do analista como anterior ao discurso - me analiso logo compreendo o inconsciente -; a pulsão, o gozo, o real, como dado primeiro e prévio à articulação significativa, levam até uma entificação, substancialização, ontologização frágil daquilo que é uma propriedade imanente ao discurso.

Para concluir vale advertir sobre uma possível carência desta articulação que poderia levar o leitor a pensar que estamos desestimando a ética do analista na ex-sistência do inconsciente ou advogando por uma ontologização do inconsciente. Nada mais longe disso. O trabalho sobre a tensão entre fragilidade ôntica e fortaleza ética que seguimos nas elaborações de Lacan, não é para optar por uma e deixar cair a outra. Ao contrário, quisemos mostrar que sobre essa fragilidade ôntica, nossa comunidade, mediante a certeza freudiana reanimada pela fortificação da ética do analista baseada na experiência, encaminha a descoberta psicanalítica para uma ontologização, para uma *hontologie*.

Dessa maneira, acreditamos ter apresentado um bloco de pensamento bastante promissor em si mesmo, assim como potente para considerar a reorganização destes elementos no devir das ideias de Lacan. A partir destas elaborações, parece coerente entrever que a formalização do discurso psicanalítico (seminários XVI e XVII) vem ao lugar desta fragilidade ôntica, permitindo que a ética do analista deixe de se apoiar na presunção da fortaleza da alma bela que imita a certeza freudiana, para achar seu sustento nas exigências lógicas do discurso da psicanálise.⁴⁹

47 *Ibidem*. Lição 06/01/1965. p. 5. (tradução nossa).

48 Lacan, J. (1972-1973). *Séminaire XX. Encore*. <http://staferla.free.fr/S20/S20.htm>

49 Lacan, J. (1969-1970). *Séminaire XVII. L'Envers*. <http://staferla.free.fr/S17/S17.htm>

BIBLIOGRAFIA

1. Caruso, P. (1969). Conversaciones con Lévi-Strauss, Foucault y Lacan. <https://psicoanalisislacaniano.com/entrevista-a-lacan-por-caruso-1969/>
2. Eidelsztein, A. El fracaso de Lacan. Conferencia dictada en Apertura, Sociedad Psicoanalítica de Buenos Aires, em 16 de outubro de 2008. https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2015/09/REY2_10-fracaso.pdf
3. Freud, S. (1995). Las resistencias contra el psicoanálisis. Em *El yo y el ello y otras obras* (1925), tomo XIX, Buenos Aires: Amorrortu editores.
4. Freud, S. (1995). Psicoanálisis y telepatía (1941 [1921]). Em *Más allá del principio del placer, psicología de las masas y análisis del yo y otras obras*, tomo XVIII, Buenos Aires: Amorrortu editores.
5. Freud, S. (1995). ¿Pueden los legos ejercer el análisis? Diálogos con un juez imparcial (1926). Em *Presentación auto biográfica, Inhibición, síntoma y angustia, ¿Pueden los legos ejercer el análisis? Y otras obras*, tomo XX, Buenos Aires: Amorrortu editores.
6. Kuhn, T. (2017). *O caminho desde a estrutura*. São Paulo, Editora Unesp.
7. Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em *Escritos*: Zahar.
8. Lacan, J. (1988). Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista en 1956. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
9. Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. Em *Escritos*: Zahar.
10. Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Em *Escritos*: Zahar.
11. Lacan, J. (1988). *Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar Editora
12. Lacan, J. (2006). *Seminario. Libro 12. Problemas cruciales para el psicoanálisis*. Tradução Rodriguez Ponte. Inédito.
13. Mezza, M. (2021). El retorno a Freud. Una palabra de orden en un lenguaje neurótico. Em Morales Montiel. *El estilo de Jaques Lacan*. Buenos Aires: Editora Arrebol.
14. Miller, J-A. (1998). *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós.

MARTÍN MEZZA

Psicólogo (UBA); Mestre em Saúde Mental Comunitária (UNL,a); Doutor em Saúde Coletiva (UFBA-ISC); Psicanalista membro de APOLa e Diretor da sede Salvador-BA; pesquisador (NISAM-ISC). Martinmezza@hotmail.com